

INÊS DE CASTRO: ONTEM, HOJE E SEMPRE

Flavia Maria CORRADIN*

■ **RESUMO:** No fatídico 07 de janeiro de 1355, morre Inês de Castro, personagem histórica que se mantém viva até a contemporaneidade. Desde as poucas linhas consagradas a ela nas *Crônicas de Fernão Lopes*, a figura da galega vive em cada uma das inúmeras releituras que o mito inesiano vem flagrando ao longo do tempo, em registros, por vezes parafrásicos, mas também estilizadores ou paródicos. Conforme muito bem apontou Vasco Pereira da Costa, “a história [de Pedro e Inês] está mais que contada, os poetas lyricaram-na, os historiadores historiaram-na, os prosadores prosaram-na, os dramaturgos teatralizaram-na. E de tanto a trabalharem ela surgiu sempre outra (...). Sempre outra, não digo bem, porque, afinal, nada alterou o destino da gente que fez esta história: é sabido que qualquer autor que a retome, ressuscitando o tempo e as vidas (...) será obrigado ao final (...) a calar o tempo”. Esta intervenção pretende explorar o romance histórico *Inês de Castro: espia, amante, rainha de Portugal*, de Isabel Stilwell (2021), de modo a que consigamos traçar um caminho da personagem mítico-histórica, ou melhor, perceber como Inês de Castro foi ou não surgindo sempre outra, considerando sobretudo as ópticas histórica e do feminino.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Inês de Castro. Diálogos. História. Ficção. Mito.

“A condição para se decidir escrever uma biografia histórica é a consciência de podermos captar a individualidade, a personalidade da pessoa em causa”.

Jacques Le Goff

Introdução

No fatídico 7 de janeiro de 1355, morre Inês de Castro, personagem histórica que se mantém viva até a contemporaneidade. Desde as poucas linhas consagradas a ela nas *Crônicas de Fernão Lopes* (1993), a figura da alega vive em cada uma das inúmeras releituras que o mito inesiano vem flagrando ao longo do tempo,

* Professora Associada (Livre-Docente) de Literatura Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP – Brasil. 05508-080. corradin@usp.br.

em registros, por vezes parafrásicos, mas também estilizadores ou paródicos. Conforme muito bem apontou Vasco Pereira da Costa, “a história [de Pedro e Inês] está mais que contada, os poetas liricaram-na, os historiadores historiaram-na, os prosadores prosaram-na, os dramaturgos teatralizaram-na”, (completo eu, os escultores esculpiram-na, os pintores pintaram-na...). E de tanto a trabalharem ela surgiu sempre outra [...]. Sempre outra, não digo bem, porque, afinal, nada alterou o destino da gente que fez esta história: é sabido que qualquer autor que a retome, ressuscitando o tempo e as vidas [...] será obrigado ao final [...] a calar o tempo” (1987). Esta fala pretendia inicialmente explorar alguns dos intertextos recentemente publicados, três romances históricos *Constança, a princesa traída*, de Isabel Machado, publicado em 2015, *Inês*, de Maria João Fialho Gouveia, vindo a lume em 2016, *Inês de Castro: espia, amante, rainha de Portugal*, cuja primeira edição saiu em 2021), além do volume *Paula Rego: Rehearsal: ensaio sobre o amor*, de Emília Ferreira, cujo ano de publicação é 2020, que realiza um ensaio (*rehearsal?*) sobre o amor, a partir da obra *Rehearsal*, da pintora anglo-portuguesa Paula Rego (*1935/+2022), que nos permitem traçar um caminho da personagem ao dialogarem com o mito inesiano. No entanto, achamos por bem, por conta do tempo e do espaço, restringirmo-nos a apenas um intertexto, *Inês de Castro: espia, amante, rainha de Portugal*, de Isabel Stilwell (2021), de modo a perceber como Inês de Castro foi surgindo sempre outra, nomeadamente na narrativa, considerando as ópticas histórica, ficcional e do feminino. Contudo, vale ressaltar que as obras supracitadas têm em comum o fato de revelarem autoras que se voltam para o mito inesiano, colocando-o em perspectiva nos últimos anos. Ou melhor, parafraseando Emília Ferreira, estamos diante de diálogos em duas (ou três, se considerarmos o discurso pictórico reguiano) vozes femininas, já que a voz histórico-mitológica é relida pela voz das autoras contemporâneas) voz

Palavra inicial

Maria Isabel Stilwell, autora do romance histórico *Inês de Castro: espia, amante, rainha de Portugal*, publicado em outubro 2021, pela editora Planeta portuguesa, e já na segunda edição, dedicou-se à literatura infantojuvenil, cujos títulos desenvolvem, no mais das vezes, uma perspectiva historiográfica que vai estar marcadamente presente na ficção dedicada também a adultos, uma vez que sua produção está eminentemente ligada ao romance histórico. Impressionante o número de títulos¹ que publicou nestes últimos quinze anos, já que começa a se

¹ Outros títulos da autora inscritos no categoria de romance histórico: *Filipa de Lencastre - A rainha que mudou Portugal* (2007, *best seller* da autora, traduzido para o inglês, em 2015: *Philippa of Lancaster - English Princess, Queen of Portugal*); *Catarina de Bragança - A coragem de uma infanta portuguesa que se tornou Rainha de Inglaterra* (2008); *D. Amélia - A Rainha Exilada que Deixou o Coração em Portugal* (2010); *D. Maria II - Tudo por um reino* (2012); Isabel de Borgonha, Íncita

dedicar a esta vertente a partir de 2007, tendo em vista que este tipo de ficção requer uma pesquisa bastante acurada e que demanda tempo. Ainda que tenha publicado um título dedicado ao rei D. Manuel, o subtítulo que lhe apõe, *D. Manuel: duas irmãs para um rei*, de 2020, e, recentemente, em meados de 2023, tenha vindo a lume *Felipe I de Portugal - o rei maldito*, que aponta para o embate na sucessão ao trono português entre o rei espanhol e (talvez?) a legítima herdeira D. Catarina de Bragança, a obra de Stilwell remete a uma outra questão que a singulariza; suas protagonistas são mulheres, cuja relevância histórica as tornam protagonistas da História de Portugal, mas não só. Portanto, perfilhar o caminho do romance histórico e do protagonismo feminino, ambos os aspectos, sob a óptica da intertextualidade, são os percursos que norteiam esta fala.

Percursos...

O romance, narrado primordialmente por Tereza Sanches, mulher de Afonso Sanches, que teria criado Inês, entregue por seu pai, Pedro de Castro, divide-se em cinco partes, que acompanham a história de Portugal, Castela, Aragão... desde 1326 até a morte de Inês ocorrida em janeiro de 07 de janeiro de 1355, promovendo alguns *flashbacks* que possibilitam aclarar determinados fatos ou circunstâncias históricas narradas. Tais partes são precedidas por uma espécie de prólogo, que é posterior aos fatos narrados, já que flagram D. Pedro de Portugal a rascunhar o esboço do túmulo de Inês de Castro, intitulado providencialmente de *Até o fim do mundo...* E seguidas de um epílogo, que vai trazer os fatos, que se seguiram à morte da amada numa espécie de acerto de contas com a História, marcado pelo remorso de Pedro diante da ambiguidade que sempre permeou sua relação com a Colo de Garça, e culminará com a alusão à coroação de Inês como rainha de Portugal “como rezava seu destino” (Stilwell, 2021, p. 459). O volume traz ainda uma série de imagens de personagens, sítios e dos túmulos de Pedro e Inês, além de apêndices que estampam sucintas biografias das personagens históricas que transitam pela narrativa, e ainda a bibliografia compulsada.

Como sabemos, a perspectiva intertextual é um dos caminhos trilhados pela literatura e revela inexoravelmente não só o ponto de vista do autor do intertexto, mas também uma visão eminentemente crítica da história narrada. No caso de romances históricos, estamos diante de um diálogo travado com o fato histórico, mediado pela bibliografia, cujos diferentes títulos por mais que busquem a verdade histórica, por sua vez, também são veiculados a partir de diferentes pontos de vista. Deste

Geração - A filha de D. Filipa de Lencastre que levou Portugal ao Mundo (2013); *D. Teresa - Uma mulher que não abriu mão do poder* (2015); *Isabel de Aragão - A Rainha que Portugal imortalizou como Rainha Santa* (2017); *D. Maria I - Uma rainha atormentada por um segredo que a levou à loucura* (2018); *D. Manuel: duas irmãs para um rei* (2020); *Inês de Castro: espia, amante, rainha de Portugal* (2021); *Felipe I de Portugal: o rei maldito* (2023).

modo, o intertexto literário seria reflexo de um eu que se volta para o fato histórico e o flagra segundo sua visão de mundo, ainda que se apoie, no mais das vezes, em documentação. O romance histórico, ou como o concebe Linda Hutcheon (1991), a metaficção historiográfica, alçaria um passo além, na medida em que o autor lê uma bibliografia e, por meio de seu intertexto, dialoga com ela, imprimindo-lhe um ponto de vista próprio, ou pelo menos que se pretenda próprio. Estamos, pois, diante, ainda uma vez, de um discurso de segunda mão, já que se volta para o fato histórico por meio do olhar de outro(s) ou, conforme aponta Hayden White (1994), ao definir o discurso histórico, entende que ele não pode ser concebido como uma verdade absoluta e, portanto, não se opõe ao discurso literário, já que ambos são construídos a partir de um ponto de vista específico, o qual analisa os fatos de acordo com as perspectivas ideológicas de quem os narra.

Sob outra perspectiva, podemos localizar as discussões que esmorecem os limites entre História, enquanto ciência, e Literatura, manifestação artística, já que tudo parece começar com a chamada Nova História, (ou será Boa-História, conforme a concebe Georges Duby?). Assim, tratar da ruptura de fronteiras entre a História e as demais Ciências Humanas, como a Geografia, de onde afinal tudo partiu, a Antropologia, a Sociologia, só para lembrar aquelas formas de conhecimento que trabalham com o científico, com o real, aplicáveis, se assim podemos considerar, ao Homem, aliadas a outras e variadas concepções do conhecimento, dentre as quais podemos destacar a Filosofia, a Psicanálise, as Artes, notadamente a literária, é matéria que norteia o conceito de romance histórico na contemporaneidade. É a ruptura com a concepção positivista da História, cuja preocupação central reside, em última instância, na enumeração sincrônica de fatos, invariavelmente ligados às personagens que exercem poder político ou econômico. Herdeiro da concepção de História inaugurada por Bloch e Febvre, que já defendiam nos *Annales* a ideia de uma pesquisa interdisciplinar, que desenvolvesse uma “história dos problemas”, poderíamos apontar Georges Duby (1989), para quem o passado só existe enquanto discurso, intimamente relacionado com os interesses do presente. Daí a enorme gama de pontos de vista que envolvem o passado, uma vez que o material que se apresenta está irremediavelmente filtrado por processos que conduzem, em última instância, ao eu-historiador, tais como o local onde vive e produz, sua formação familiar e cultural. Sua mundividência, portanto, está intimamente arraigada ao contexto sócio-político-econômico-cultural de sua produção. Concordando com certos pressupostos marxistas, Duby (1989, p. 15) vai afirmar que:

é precisamente enquanto sujeito que não se reduz a uma pontualidade, sujeito presente na história, com os seus interesses, as suas escolhas, as suas tomadas de posição, sujeito histórico e parcial que o historiador pode articular a verdade sobre a história — porque a sua consciência não está fora da história...

É sob esta óptica que pretendemos ler o texto da Isabel Stilwell, trazendo para a ribalta a visão que a autora constrói em torno da preferida do filho de Afonso IV, bem como de personagens e fatos históricos que compõem o cenário que marca a quadra da História em que contracenaram Pedro, de Portugal, e a galega Inês de Castro.

Se atentarmos para o desfile de personagens que percorrem a narrativa, notamos que a esmagadora maioria delas, ou pelo menos aquelas que recebem maior espaço por parte de Stilwell, são mulheres fortes, determinadas, que, para o bem ou para o mal, assumem papel decisivo no destino de si mesmas, dos que as cercam ou ainda do espaço político onde vivem, ainda que, por vezes, acabem por sucumbir diante do poder manipulador de Afonso IV, Afonso XI, Afonso ou João Afonso Sanches, Pedro, Álvaro ou Fernando de Castro, João Manuel de Vilhena, Diogo Lopes Pacheco, dentre muitos outros.

Sem assumir uma bandeira de teor panfletariamente feminista, Isabel Stilwell vai reler Inês de Castro sob a óptica do feminino, inclusive atribuindo-lhe o discutível papel de espia dos Sanches ou dos Castro. Assim, podemos incluir a autora no rol de escritoras que, conforme aponta Alleid Ribeiro Machado (2012), impulsionadas pelas vagas feministas que alteram consideravelmente modos de ver o mundo, de compreender e de pensar a realidade de qualquer tempo, em termos de gênero, trazem para o espaço da metaficção historiográfica a figura da mulher que sempre esteve à margem da história. Deste modo, percebemos que as mulheres que transitam no romance são reconhecidas a partir de um eu feminino perante um eu masculino, deixando de lado “a posição opressora da voz masculina como dominante nos discursos históricos, antropológicos, psicanalíticos, literários e, enfim, ideológicos” (Machado, 2012, p. 47). Obviamente que isto não envolve necessariamente uma postura dita “politicamente correta”, uma vez que não é isto que está em causa, e sim a imperiosa necessidade de se conferir à mulher um lugar de fala seja na postura conciliadora, sem deixar de ser decisiva, da Rainha de Portugal, D. Beatriz de Castela ou da senhora de Albuquerque, Teresa Sanches, seja na postura, digamos, por vezes censurável da rainha de direito de Castela, D. Maria ou daquela que efetivamente exercia o cargo, Leonor de Gusmão, cujas atitudes e decisões, por vezes, fogem ao bem comum em prol do proveito próprio. Se a história oficial vê Leonor de Gusmão como uma mulher extremamente manipuladora, que não via os meios para atingir os fins a que se propunha, a rainha Maria é aí vista como a coitadinha, a enjeitada, em cujo casamento foi usada como moeda de troca tanto pelo pai, Afonso IV, de Portugal, quanto pelo marido, Afonso XI, de Castela, com o objetivo único de satisfazer os interesses políticos de um ou de outro.

Se pensarmos na D. Maria, construída por Isabel Stilwell, aquela que viu o marido poucas vezes e se deitou com ele menos vezes ainda, a mulher sofrida, humilhada, preterida, enquanto rainha e fundamentalmente enquanto mulher, jamais abaixou a cabeça frente aos desmandos do marido, Afonso XI, ou do filho,

Pedro, de Castela. Este é apenas um dos exemplos presentes no romance dentre muitos outros que poderiam ser trazidos à baila. O que efetivamente importa para os propósitos deste ensaio não é enumerar situações, mas sim trazer para a ribalta uma visão distinta da mulher promovida a partir de uma concepção metaficcional da historiografia, que busca tratar do ex-cêntrico, conforme aponta Linda Hutcheon (1991), na medida em que dá voz a quantos façam parte da História, sem privilegiar este ou aquele gênero, esta ou aquela raça/etnia, esta ou aquela opção sexual... No caso específico do romance em questão, Isabel Stilwell dá espaço à mulher, seja aquela cujo retrato flagrado pela História oficial foi sempre a da boazinha, seja aquela outra, cujo caráter foi apontado como discutível.

O que importa é falar delas, ou melhor, dar-lhes espaços de fala e não necessariamente defender-lhes posturas individuais ou políticas. É importante notar que trazer para o espaço do romance a mulher não significa afirmar que a mulher é perfeita e o homem é dominador ou abusivo. Significa apenas e tão somente tratar da mulher boa ou má, ou melhor, boa e má, como todos somos, ao fim e ao cabo, dependendo do momento, da situação, do caráter, da necessidade de reação... frente às imposições da vida, conforme aponta Pedro, em conversa com Inês, “todos temos bem e mal dentro de nós [...] nos cabe a nós escolher. É por isso que a bondade tem valor, porque é uma escolha” (Stilwell, 2021, p. 250). Estamos, pois, diante do livre-arbítrio, procedimento que marca o Cristianismo, doutrina que dá uma guinada na História da humanidade com todos os revezes e senões que conhecemos.

Como apontamos anteriormente, o mesmo se aplica a outras tantas mulheres que interagem, mais ou menos, na narrativa, desde a mãe de Inês, Aldonça Lourenço de Valadares, ou sua meia-irmã, Juana de Castro, passando por Blanca de Castela, primeira mulher de D. Pedro, de Portugal, ou por sua segunda esposa, Constança Manuel, cujo infortúnio não deixou à sombra sua altivez e perspicácia, ou por Blanche de Bourbon, mulher de Pedro I, de Castela, ou por sua amante, Maria Padilha, ou por Leonor de Castela, irmã de Afonso XI, duas vezes rainha de Aragão, cuja força a tornou uma das grandes personagens da História dos reinos peninsulares por que transitou, ou por Leonor de Portugal, filha de Afonso IV, rainha de Aragão, vitimada muito cedo pela peste negra, sem falar na interessantíssima Vataça Láscaris, amiga íntima de Isabel de Aragão, por meio de quem chega a Portugal e, depois de idas e vindas entre Aragão, Castela e Portugal, atuando como espiã e embaixadora de um ou outro reino, acaba morrendo em Portugal, deixando sua imensa fortuna, herdada do marido, para a Rainha Santa, ou ainda Zulema, a quem dedicaremos atenção em momento azado, sem esquecer das mulheres já citadas anteriormente.

Inês sob o signo de schedir

Três imagens perpassam o romance de Isabel Stilwell. Trata-se das estrelas schedir e algol e da vida do mártir cristão São Bartolomeu.

Tratemos nesta empreitada da presença de schedir na vida da linda galega.

Zulema, personagem fictícia, inspirada, conforme aponta a autora, em Zulema de Maiorca (*1190/+depois de 1229), revela a Inês, no início da narrativa, ainda em Albuquerque, onde fora criada por Afonso e Teresa Sanches, que a menina teria nascido sob a proteção de Schedir, conforme aponta o diálogo entre a moura que teria trazido Inês ao mundo, e a filha de Aldonça Valadares e Pedro de Castro:

— Repara agora na estrela que ali mais brilha – disse-lhe.

— Que parece um bocadinho encarnada?

Inês franziu o rosto para ver melhor.

— O seu nome, na minha língua, é Schedir. O coração da rainha.

Mas foi o meu coração que saltou no peito, quando Zulema acrescentou:

— Estava mais brilhante do que nunca no dia em que nasceste (Stilwell, 2021, p. 39).

Schedir, designação árabe, em grafia ocidental, que significa “peito”, palavra derivada de sua posição no coração da rainha mitológica Cassiopeia, é uma estrela gigante de cor alaranjada, a primeira ou segunda mais brilhante da constelação de Cassiopeia, onde está localizada. É a única estrela de navegação, das cinquenta e oito catalogadas, que está na referida constelação. As estrelas de navegação têm um status especial no campo da navegação celeste, porque são brilhantes e fáceis de identificar, ainda que sua presença se torne mais visível nos meses de outono do hemisfério norte.

A menina, filha ilegítima de Pedro de Castro e de sua amante Aldonça Valadares, teria sido levada, logo após o nascimento, por Vataça Láscaris, para ser criada na fortaleza de Albuquerque por Afonso Sanches, meio irmão de Afonso IV, por quem nutria profundo ódio, já que, segundo consta, o filho legítimo de D. Dinis fora sempre preterido em favor do irmão, e de sua mulher Teresa. Na versão silwelliana, Inês venerava os “tios”, que a criaram, sempre sob a vigilância da moura Zulema, que desde há muito estava a serviço dos Sanches

— Zulema era a mulher mais bonita que alguma vez vira... O tio Afonso dizia-lhe que Zulema era sábia, Zulema, neta de Zulema, a astrAstrónoma, que lera nas estrelas que o rei de Aragão conquistaria Maiorca, e o esperara com o filho na praia, mas os trovadores da corte de Albuquerque juravam-lhe que não passava de uma bruxa. Mas como podia ser bruxa? Mas como podia ser bruxa eram feias e cresciam-lhes verrugas no nariz? Zulema, ainda para mais, não gostava de gatos.

(Stilwell, 2021, p. 25) — e que fora a parteira da menina. Na versão proposta por Isabel Stilwell, Inês teria ingressado em Portugal por meio de D. Maria, rainha de Castela, e de seu valido João Afonso Sanches, filho dos pais postiços da menina, e não como aia de Constança, conforme aponta a historiografia corrente, já que os Sanches e os Castros eram inimigos fidalgos, tendo em vista que disputavam poderio político em Castela. Ainda muito jovem, acompanhando a tia que fora a Portugal requerer os bens do falecido marido junto ao rei, Inês conhecera Pedro, por quem passa a nutrir sentimentos que misturavam amor, amizade, admiração, pena (devido a sua gagueira), e Maria com cujas bonecas brincava e cujas joias invejava. Zulema perpassa o romance lembrando a Inês que ela estaria protegida de todos os males pelo poder de Schedir, até que seu destino a leva aos braços e lençóis do herdeiro do trono de Portugal, exercendo o duplice papel de espia dos Sanches e dos Castros e barregã do infante.

Sempre sob os auspícios de “schedir, o coração da rainha, que brilhava no céu no dia de seu nascimento”, Inês “que não queria cometer o pecado da vaidade...”, pensava “mas porque não havia de sonhar com uma coroa?” (Stilwell, 2021, p. 152). O próprio Pedro passou a tornar-se conivente com o papel que schedir exercia sobre o destino de Inês:

Só então [Inês] reparou na lareira acesa e nas estrelas no teto do dossel — Cassiopeia e Schedir.

— Mandei bordá-las para ti — sussurrou-lhe Pedro ao ouvido (Stilwell, 2021, p. 267).

Nada demovia Inês do amor de Pedro, ou seria da tarefa a que fora destinada pelo irmão ou pelo tio?, a moça sentia-se protegida pela estrela, mesmo contra Afonso IV, conforme aponta o diálogo com a tia:

— Inês, não brinques com fogo. Sabes bem do que Afonso de Portugal é capaz.

Mas a sobrinha, a filha, abriu as mãos num gesto conformador:

— Será o que a Fortuna quiser.

— Esqueceste de que a roda gira e que hoje estamos em cima e amanhã em baixo? — avisou.

Mas Inês não queria saber. No dia de seu Nascimento, Zulema vira Schedir, o coração da rainha, era só nisso que tinha de pensar.

[...]

Foi então que Zulema se aproximou dela e num de seus raros gestos de afeto passou-lhe as mãos pelos cabelos, dizendo:

— Não tenhas medo, Inês, repara como Schedir continua a brilhar (Stilwell, 2021, p. 295-296).

Ainda que a fúria do rei português contra ela, por vezes, a fizesse balançar “Nem D. Afonso IV”, pensou Inês, com um arrepio.”, mas “Espreitou o céu pela janela. Estava segura de que, apesar de a claridade do dia não a permitir ver, Schedir brilhava no firmamento” (Stilwell, 2021, p. 390).

Mesmo quando Pedro, temendo o pai, não ousava enfrentá-lo, defendendo o seu verdadeiro amor ou os filhos que teve com a amante/esposa, Inês “acreditava que Schedir voltaria a brilhar no firmamento como brilhava na madrugada do seu nascimento. Afonso IV não a venceria” (Stilwell, 2021, p. 429-430).

Se a fê de Inês em schedir era inquebrantável, tornando-a tão forte que seria capaz de enfrentar o mundo, e o representante dele na terra, Afonso IV, por quem nutria ódio desde menina, já que fora ele que levava os bens dos “pais”, lhe levava o “pai”, lhe levava o “irmão”, Teresa Sanches reconhecia os perigos criados por João Afonso Sanches “maldita hora em que viu Schedir e caiu nas mãos do meu próprio filho, que manipulara este amor — esta ênfatuação, corrijo — como lhe fora conveniente” (Stilwell, 2021, p. 209). “Tudo que a tia Teresa deseja para ela, ansiosa que esquecesse Schedir, a estrela brilhante de cassiopeia” era que seduzisse “os cavaleiros mais bonitos, [dançasse] com homens, fizesse com que se sentisse pronto a morrer por ela e [escolhesse] um com quem casar” (Stilwell, 2021, p. 235). Pena que a moça escolheu Pedro, o infante de Portugal, casado com Constança Manuel.

Também a própria Zulema, com toda sabedoria árabe que a constituía, chegou a garantir-lhe que, “se fosse hoje [verão de 1351], nunca lhe teria falado em Schedir” (Stilwell, 2021, p. 370). Assim, “o uivo de Zulema não se apaziguou com a tortura e a morte dos culpados. A moura que viu Schedir brilhar no céu no dia do nascimento de Inês pedia muito mais de mim. Muito mais” (Stilwell, 2021, p. 458).

Mas Inês “fechou os olhos e recordou Zulema a apontar-lhe Schedir, na constelação de Cassiopeia — o coração da rainha brilhante, ao centro. Quem em Portugal poderia garantir-lhe o seu desígnio?” (Stilwell, 2021, p. 199).

Pedro I de Portugal, coroando-a “rainha, como rezava o seu destino” (Stilwell, 2021, p. 459).

Palavra final (por hora)

Ainda que a versão do mito inesiano proposta por Isabel Stilwell se distinga em aspectos relevantes daquelas que vêm sendo divulgadas há anos pela historiografia oficial, tudo volta ao eixo, quando, ao final, Inês é morta a mando de Afonso IV, com a participação mais ou menos efetiva deste ou daquele conselheiro de Estado, ou, em última instância do Conselho de Estado.

Esta, dentre outras questões, são extremamente importantes, mas, ao fim e ao cabo, não alteram decisivamente o mito inesiano: a relação entre Pedro e Inês era mal-vista pela corte portuguesa e por isso ela foi morta.

A versão que apresenta vai propor o preenchimento de tais lacunas, tão ao gosto da Nova História, conforme nos ensina Duby (1989), sob uma óptica bastante interessante, como atrás apontamos, aquela que vai ouvir um lado da História, interditado desde sempre: o lado do feminino.

Na verdade, o que mais nos intrigou na leitura do romance foi exatamente a possibilidade verossímil de que Inês tenha travado relações com outras personagens históricas, nomeadamente com Teresa Sanches, Maria, de Portugal, rainha de Castela, Leonor de Castela, rainha de Aragão, mas também com Afonso Sanches, Joao Afonso Sanches, Afonso XI, Pedro I, de Castela, Leonor de Gusmão, Maria Padilha...

CORRADIN, F. M. Inês de Castro: yesterday, today and always. **Itinerários**, Araraquara, n. 57, p. 177-188, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *On the fateful day of January 7, 1355, Ines de Castro died, a historical figure who kept alive until contemporary. From the few lines dedicated to it in the Chronicles of Fernão Lopes, the Galician figure lives in each of the countless rereadings that the Asian myth has been flashing over time, in records, sometimes paraphrastic, but also stylized or parodic. As Vasco Pereira da Costa rightly put it, “the story [of Pedro and Inês] is more than told, poets lyricalized it, historians historicised it, prose writers prose it, playwrights theatricalized it. And from so much to work on it always arose another (...). Always else, I don't say well, because, in the end, nothing else or the fate of the people who made this story: I know that any author who resumes, revives or tempo and these lives (...) will be obliged in the end (.) to calm or tempo”. This intervention aims to explore the historical romance Ines de Castro: espiã, amante, rainha de Portugal, by Isabel Stilwell, so that we can trace a path of the mythical-historical character; or rather, perceive how Ines de Castro was or was not always emerging other; considering above all the historical and feminine optics.*

■ **KEYWORDS:** *Ines de Castro. Dialogues. History. Fiction. Myths.*

REFERÊNCIAS

ANNALES D'HISTOIRE ÉCONOMIQUE ET SOCIALE (1929-1938). Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/annales-histoire-sciences-sociales/information/past-title/annales-d-histoire-economique-et-sociale/information/5DEE15BCF2C0F1D2C390CC2404C7E693>. Acesso em 15.set.2023.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

COSTA, Vasco Pereira da. **Pedro e Inês. Memória Breve**. Açores: Instituto Açoriano de Cultura, 1987.

DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a nova história**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.

FERREIRA Emília. **Paula Rego: Rehearsal: ensaio sobre o amor**. Coimbra, Caleidoscópio, s/d.

GOUVEIA, de Maria João Fialho. **Inês**. Amadora: Top Seller - 20/20 Editora, 2016.

HELDER, Herberto. **Teorema**. Os passos em volta. Lisboa: Assírio & Alvim, 1985.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LOPES, Fernão. **Crônicas**. Lisboa: Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1993.

MACHADO, Isabel. **Constança, a princesa traída**. Lisboa, Esfera dos Livros, 2015.

MACHADO, Alleid Ribeiro. **Das suffragettes ao feminismo de hashtag: uma conversa sobre os novos feminismos**. Encontro de GTS de Pós-Graduação, 7, 2018. Disponível em: http://anais-comunicon.espm.br/GTs/GTPOS/GT9/GT09_MACHADO.pdf. Acesso em 21. out. 2023.

MACHADO, Alleid Ribeiro. Caminhos de transformação e ruptura em Colheita de Nelida Piñon. **Revista Graphos**, v. 14, n° 2, 2012 - UFPB/PPGL

STILWELL, Isabel. **Filipa de Lencastre - A rainha que mudou Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 2007.

_____. **Catarina de Bragança - A coragem de uma infanta portuguesa que se tornou Rainha de Inglaterra**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008

_____. **D. Amélia - A Rainha Exilada que Deixou o Coração em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

_____. **D. Maria II - Tudo por um reino**, Lisboa: Livros Horizonte, 2012.

_____. **Isabel de Borgonha, Íncrita Geração - A filha de D. Filipa de Lencastre que levou Portugal ao Mundo**. Lisboa: A esfera dos Livros, 2013.

_____. **D. Teresa - Uma mulher que não abriu mão do poder**. Lisboa, Manuscrito, 2015.

_____. **Isabel de Aragão - A Rainha que Portugal imortalizou como Rainha Santa**. Lisboa, Manuscrito, 2017.

_____. **D. Maria I - Uma rainha atormentada por um segredo que a levou à loucura.** Lisboa, Manuscrito, 2018.

_____. **D. Manuel: duas irmãs para um rei.** Lisboa: Planeta, 2020.

_____. **Inês de Castro: espia, amante, rainha de Portugal.** Lisboa: Planeta, 2021.

_____. **Felipe I de Portugal: o rei maldito.** Lisboa: Planeta, 2023.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso:** ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

